



Natureza e arte da Sicília

Maior ilha vulcânica mediterrânea, a Sicília tem identidade própria e atrai visitantes por sua peculiar riqueza arqueológica, cultural e histórica



Messina, Lipari, Scorcio del paese

Devido a sua posição geográfica, a ilha da Sicília sempre teve um papel de importância nos eventos históricos protagonizados por povos do Mediterrâneo. A vizinhança de múltiplas civilizações enriqueceu a Sicília de assentamentos urbanos, de monumentos e de vestígios do passado que fazem dela um lugar privilegiado, onde a história pode ser revista por meio dos sinais que o tempo não apagou. A região reúne de forma admirável natureza e arte. Composta pelas províncias de Agrigento, Caltanissetta, Catania, Enna, Palermo, Messina, Ragusa, Siracusa e Trapani, tem como língua oficial o italiano. Porém, praticamente todos os sicilianos são bilíngües, pois também falam o siciliano. A região é reconhecida de forma unânime como uma das mais completas e fascinantes de toda a Itália, e visitada anualmente por milhões de turistas provenientes de todas as partes do mundo.

A ilha da Sicília sempre refletiu, em sua cultura e em suas tradições, a duplicidade advinda de sua posição geográfica: independente, mas também ligada ao restante da Itália. Chama atenção a diversidade cultural entre as cidades. Ao visitá-las encontramos teatros gregos, palácios romanos, castelos normandos e catedrais bizantinas. Para chegar bem próximo da história, é interessante conhecer Siracusa, terra de Arquimedes e Platão. Já em Agrigento, está o maior tesouro grego, o Vale dos Templos, com um cenário de cinco séculos antes de Cristo e templos magníficos.

Antigamente chamada, por sua forma triangular, de Sicania ou Trinacria, do ponto de vista físico a Sicília é uma área em grande parte montanhosa, só descontinuada pela extensa planície ao redor da Catania, no leste da ilha. Originalmente habitada pelos Sicanos, provenientes da península ibérica, e pelos Sículos, de estirpe itálica, a ilha manteve desde os tempos mais remotos contatos com as grandes civilizações do Mediterrâneo, em especial com a Grécia micênica e, mais tarde, com os Fenícios e as populações da Grécia continental, que nela encontraram novas áreas de expansão, fundando importantes colônias da chamada Magna Grécia. Com a eclosão da primeira guerra púnica (264-241 a.C.) entre

Cartago (com territórios no norte da África, na Sicília e na Sardenha e grandes interesses comerciais no Mediterrâneo Ocidental e no extremo sul da península ibérica) e Roma (que já nessa época controlava direta ou indiretamente, por intermédio da poderosa liga com os aliados latinos, cerca da metade da península itálica) - esta, até então essencialmente agrícola, tornou-se uma potência naval e expulsou os Cartagineses, primeiro (241 a.C.), da Sicília, e depois (238 a.C.), da Sardenha e da Córsega, conquistando assim as primeiras províncias ultramarinas, que pertenceriam ao Estado romano por mais de 700 anos. Após a queda do império (476 d.C.), a Sicília foi invadida por Vândalos, Godos e Bizantinos, até que, no século IX, foi arduamente conquistada pelos Árabes, que a enriqueceram com as contribuições da sua refinada cultura. Mas foi, sobretudo, a sucessiva dominação dos Normandos (séc. X - XII), que estabeleceram a capital em Palermo, o período firmado como de grande desenvolvimento, tanto econômico, quanto cultural e espiritual. Ademais, sob o imperador Frederico II de Suévia - que, por ser filho da rainha normanda Constância de Altavilla, manteve a unidade dinástica -, a Sicília passou a estreitar cada vez mais os laços com o "continente". Desafortunadamente, as posteriores dinastias perderam qualquer traço de "governança iluminada": Angiovinos, Aragoneses e Bourbons, além de ter levado a capital para Nápoles, fizeram de seus reinados uma época de verdadeira opressão, o que insuflou diversas revoltas populares.

Influências diversas

Os centros urbanos de fundação mais antiga são até hoje esplêndidos testemunhos da colonização grega: Siracusa, Segesta, Selinunte e Agrigento mantêm viva a lembrança daquela era com seus grandiosos templos dóricos, às vezes ainda mais imponentes que os da própria metrópole. Não tão numerosos nem bem conservados são, ao contrário, os restos de época romana e, mesmo assim, só os do baixo império: de fato, a única obra digna de nota é a magnífica vila romana de Piazza Armerina (séc. III-IVd.C.), inteiramente decorada por

belíssimos mosaicos.

Também os Árabes deixaram poucos vestígios da sua passagem, provavelmente por usarem materiais pouco duráveis, como a argila, ou por muitas construções, especialmente as mesquitas, terem sido desvirtuadas ao longo dos séculos. Assim, à parte alguns rastros deixados no casario e nos topônimos, chegamos intacto só um complexo termal em Cefalà Diana, os “Banhos Árabes”, construção formada por algumas câmaras simples e uma sala central com arcos ogivais.

A chegada dos Normandos levou ao florescimento de várias grandes cidades, como a capital Palermo, Monreale, Cefalù e Erice, todas dotadas de majestosas catedrais, erigidas em um estilo peculiar mais tarde denominado “árabe-normando”. O regime feudal, que começou a se firmar nesse período, levou os habitantes a abandonarem o campo para concentrar-se ao redor das cidadelas dos feudatários, geralmente plantadas em elevações do terreno: entre os centros que melhor têm resguardado essa fisionomia medieval, temos Caccamo e Mistretta, ambos respaldando a costa centro-setentrional da ilha.

Riqueza arquitetônica

As inovações arquitetônicas da Renascença tiveram por sua vez pouco lugar na Sicília, que,

após perder a posição de capital para Nápoles, nessa altura já estava relegada a uma posição marginal. A revitalização da construção ocorreu no período barroco, quando um extraordinário frenesi criativo percorreu toda a região, transformando-a em um verdadeiro laboratório urbanístico, onde foram pensadas e postas em prática novas soluções arquitetônicas de palácios, igrejas, ruas, praças e cidades inteiras. A Sicília foi, assim, tomada por grandes obras de renovação urbanística, que, envolvendo, sobretudo, os centros maiores, mas também alguns dos menores, procederam da necessidade de reconstruir bairros inteiros e cidades arrasadas pelo cataclísmico terremoto de 1693: mesmo nesses casos, porém, como em Noto, Modica, Palazzolo Acreide, Acireale, Ragusa e Buscemi, a reurbanização atendeu a exigências predominantemente estéticas e representativas. Por outro lado, quando em tempos bem mais recentes (1968) repetiu-se um novo, fortíssimo sismo que devastou o vale do Belice, no extremo oeste da ilha, a obra de reconstrução foi levada adiante sem dar importância ao meio ambiente preexistente, fazendo com que os povoados do vale, como Calatafimi, Gibellina, Menfi, Montevago, Poggioreale, Salemi, apresentem hoje uma urbanística rígida e artificial, distanciada da

Teatro Grego em Siracusa.



cultura e das tradições locais.

Em geral, a imponência e o fausto almejados pela arquitetura eram obtidos graças às escadarias intermináveis, às fontes cenográficas, à estatuária exageradamente ornamental, aos artefatos em ferro fundido trabalhados como uma renda, às altas fachadas e torres das igrejas, à organização dramática dos espaços, que representam o triunfo do barroco siciliano. Por fim, entre os séculos XVI e XVIII, o vice-reinado espanhol promoveu uma vasta campanha de colonização rural. Um último e interessantíssimo exemplo da moda seiscentista tardia e setecentista das *ville* suburbanas é o povoado de Bagheria (80 km a leste de Palermo), uma aglomeração de residências nobiliárias, expressando um gosto que ia do barroco ao neoclássico. Também merecem destaque localidades que sobressaem-se ou pela planta, como Scicli e Caltagirone, em que o traçado das moradias desenha o perfil de uma águia; ou por serem exemplos do fenômeno todo meridional da cidade rupestre, como Sperlinga; ou verdadeiras cidadelas sobre o mar, como

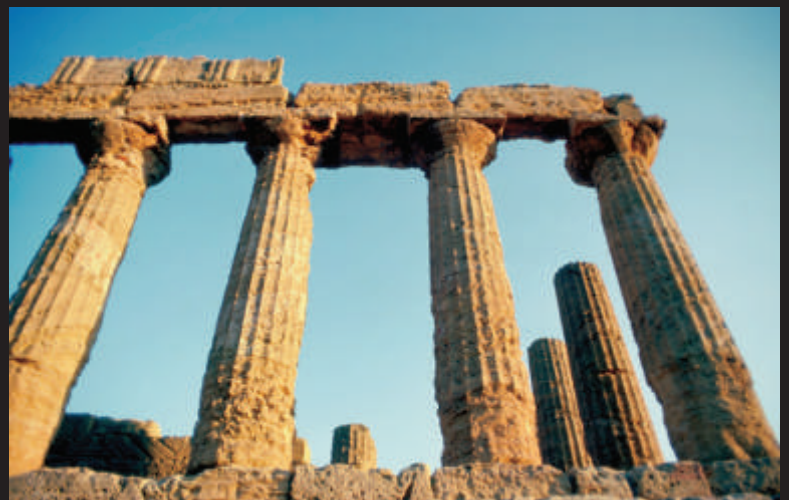
Marsala - palco do desembarque dos garibaldinos na Sicília - e Mazara del Vallo, ambas na costa sudoeste da ilha; ou mesmo lugares turísticos de inarrável beleza natural, como Taormina, na costa leste; ou, ainda, Randazzo, Nicosia, Petralia, Sciacca. 🇮🇹

Sicília no mapa



Agrigento - Vale dos Templos

Os gregos transformaram essa região em uma das mais prósperas da Magna Grécia. No vale, ao pé da montanha denominada "Valle dei Templi", se encontram algumas das mais belas ruínas gregas do mundo, que remontam ao século V a. C.. À esquerda, o Templo da Concórdia, e à direita, o de Juno. O momento ideal para visitá-los é durante o pôr-do-sol.



Conhecendo a Sicília

Palermo

A praça central - Quattro Canti di Città -, de design barroco, foi construída pelos governantes espanhóis no século XVII. Nas proximidades, fica a mais atraente das praças da antiga cidade: a Piazza Bellini, com a Igreja de Santa Maria Dell'Ammiraglio, finalizada em 1143, e a Igreja de San Cataldo, em estilo árabe-bizantino, construída em 1160. A Catedral de Palermo (*na foto*) e San Giovanni Degli Eremiti também vale uma visita. O Palazzo di Normanni abriga um dos grandes tesouros da Sicília, a Cappella Palatina, em estilo arábico-normando, com mosaicos e entalhes em mármore. Ainda em Palermo, pode-se visitar o Museo Regionale Archeologico, localizado em um antigo convento.



Segesta e Selinunte

A primeira é a antiga cidade grega Elymi, que foi conquistada pelos romanos. Sua principal atração é o Templo Dórico do século V a.C. no alto de uma colina. No Monte Bárbaro, pode-se visitar um teatro construído no século III a.C. Já Selinunte, vizinha da primeira, é uma das cidades perdidas da Sicília antiga, construída no século III a.C. Sempre esteve em guerra com Segesta. Hoje é um jardim arqueológico em cujo centro estão as ruínas de uma Acrópole.

Siracusa

Foi a cidade grega mais importante da Sicília e chegou a ser a maior da Europa durante o seu apogeu. Os pontos de maior interesse são a Latomia del Paradiso, as grutas de onde as pedras para a construção dos grandes monumentos foram retiradas, com destaque para a Orelha de Dionísio (*na foto*); o Museu Paolo Orsi; as Catacumbas de San Giovanni, do século III d.C., e a ilha Ortigla, com monumentos do período medieval e barroco.

Taormina

Também conhecida como "A Jóia da Sicília", foi construída, pelos gregos, no século IV a.C., à beira de um penhasco em frente ao mar Jônico. Um dos pontos turísticos mais procurados é o teatro greco-romano na Via Teatro Greco, com uma belíssima vista do Monte Etna. Construído pelos gregos no topo de uma montanha, o teatro foi remodelado durante o período de dominação romana. Nesse lugar, encontra-se um antiquário com relíquias que vão do período clássico até o início do Cristianismo. Também merece uma visita o "Giardino Pubblico", na Via Bagnoli Croce, um jardim florido com ampla vista para o mar.

